

PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELA DIMINUIÇÃO DO DESEJO

Maria do Amparo Rocha Caridade

Anais do VII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana. Rio de Janeiro, 1999, p. 138-9.

“Hoje nada é menos seguro do que o sexo por trás da liberação de seu discurso. Hoje nada é menos seguro do que o desejo por trás da proliferação de suas figuras.” Com essa afirmação BAUDRILLARD (1992), nos faz pensar que a pluralidade de discursos não garante a liberação da sexualidade, e que o desejo não se satisfaz no real, no consumo de corpos e imagens. Ele nos faz pensar também, que há um perigo, uma iatrogenia talvez, nessa hiperprodução de sexo, de discursos, de hiperrealismo do gozo que a cultura vem promovendo. A hiper oferta de objetos sexuais constitui um desperdício, posto que o desejo só se sustenta na falta do objeto desejado. Se tudo é dado, revelado, tornado excessivamente real, que lugar resta ao desejo?

Como funciona o desejo? Garcia Rosa (1991), articulando Freud, Lacan e Hegel, fala do desejo e o situa não na ordem do biológico, mas do pulsional, conceito intermediário que Freud postulou para articular o psíquico e o somático na questão desejante. A pulsão tem sua fonte no corpo, mas não se esgota aí. O desejo é remetido para o registro do imaginário. É o desejo *como desejo de desejo*, ou seja, o desejo humano é o *desejo de outro desejo, é o desejo de possuir o desejo do outro, de ser desejado ou amado pelo outro, de ser reconhecido em seu valor humano*. A ânsia de aprisionar o outro na relação, é a expressão dessa incerteza do desejo do outro.

Ao desejo humano falta um objeto concreto que o satisfaça plenamente, razão porque seu destino não é satisfazer-se, mas permanecer desejando. Essa é uma característica da sexualidade humana. O corpo humano não é apenas da ordem do biológico, ele é também um corpo apossado pelo simbólico, e isso é que o torna pulsional. É enquanto corpo pulsional que o sujeito deseja, busca objetos para sua satisfação e quer permanecer desejando.

O microprocessamento que se faz do desejo na cultura, essa constante administração do sexo via discursos, imagens ou farmacologia, é uma faca de dois gumes. Há atitudes, aprendizagens, técnicas, que conduzem a uma eficiência, não necessariamente à felicidade das pessoas. Felicidade é um sentimento do Eu. O sexual é sensação. O sexual é necessário, mas não suficiente. A sensação é pontual, o sentimento é perene. A felicidade é possível se

integramos esse sexual a algum projeto em nossa vida. Isso dará um sentido de permanência que previne o vazio do qual tanto reclamam nossos clientes.

Se as imagens, os estímulos, são invasivos, impostos pela máquina social consumista, não é o indivíduo quem escolhe suas diretivas sexuais, ele não se apropria do que faz, não afirma seu desejo, não desenvolve um estilo ético próprio. Isto supõe escolha, e a Sociedade do Espetáculo na qual se vive, deixa poucas possibilidades para se escolhe algo próprio, construtivo de si como sujeito. Tudo está pronto, inclusive a história à qual ele deve adaptar-se. O sexo assim apropriado pela máquina publicitária deixa de ser partilha, sedução, e vem se tornando objeto fácil no mercado de consumo, vem sendo trazido cada vez mais para fora do sujeito. É um meio à Sociedade do Espetáculo, à Cultura do Narcisismo, à Cultura da velocidade, da diversidade, do efêmero, da globalização, que se insere a experiência desejanse em nossos dias.

A desatenção ao simbólico é outra dimensão que me parece responsável pela diminuição do desejo, na medida em que ela promove a morte da sedução. A sedução opera como uma afinidade dual do sujeito com um outro. Nessa articulação ela se estabelece como ritual, como contato entre dois inconscientes, como simulação, como jogo onde parece que não se quer, mas na verdade se queima de desejo; jogo onde se desafia o outro a amar de volta. O que é despertado pela sedução é a fantasia, e ela eterniza o processo. A sedução é *“também uma religiosidade do desejo...uma busca lúdica de um objeto-deus”*, diz Sibony (91). Ora, um objeto-deus é inacessível. Isso significa que a busca não quer terminar, que é ilimitada, e que a consecução do objeto, representaria o fim da sedução, a morte do simbólico, a entrada do real.

Outro aspecto inibidor do desejo, talvez seja o terror difundido do “ficar só”, a idéia de que só se é feliz em parceria. A parceria entra assim na vida das pessoas, não tanto via desejo, mas via determinação cultural, como “meta de normalidade”. Ante a exigência do não ser só, como condição de felicidade, as pessoas tendem a colar nas parcerias, como antídotos à temida solidão. O que é um equívoco. Nasce a posse morre o desejo. Não posso desejar o que está colado em mim.

Apesar da “grande liberação” da imagem e do discurso acerca da sexualidade, a satisfação das pessoas em relação às suas vivências é diminuta. A clínica revela que é elevado o desencanto e a dor ante a sexualidade e o desprazer. As pessoas entram nas relações como se fossem comprar uma dose de felicidade, que de tão passageira, deixa plantado um enorme vazio.

Outras pessoas apostam na felicidade do Amor Romântico, e se decepcionam. A expectativa seguida de frustração, é também inibidora do desejo. Afinal “*A vida é bela*”, mas não tanto.

Outro fantasma, e este é mortal, ronda o desejo neste fim de século. É a AIDS, que para uns faz acautelar o desejo, torna o sexo “*fonte de perigos reais*”; para outros a busca do prazer se torna um desafio irresponsável. Freud disse que “*O homem civilizado trocou um quinhão das suas possibilidades de felicidade por um quinhão de segurança*”. Brauman recentemente inverteu essa polaridade dizendo “*os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade.*” E analisa: “*Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança pequena demais.*” O homem pós-moderno parece buscar sua provisão de prazer e felicidade num contexto de mínima segurança. A AIDS é essa insegurança que ameaça a razão de prazer que nos é possível obter.

Cresce em nossos dias a depressão, a angústia, a fobia, a violência e o pânico. Que falhas terão nossos discursos que não têm ajudado às pessoas a conseguirem um grau maior de felicidade? Será que não exaltamos utopias, idealizações, exigências, performances, que agem contra o bem estar delas? O que lhes dizemos sobre a importância da alegria, da amizade, da cumplicidade para a construção do seu bem estar? Por que sexo é a única dimensão responsabilizada pela felicidade? Será que não estamos como meninos encantados, ante a liberação do brinquedo que antes era proibido? Não estaremos ofuscados, esperando o sexo como se ele fosse a “Arca de Noé”, como diz J.F.C. (1998) que enfim nos salvará de nosso mal estar contemporâneo? Essa super estimação do sexo promove ilusões, felicidade artificial, que mantém um vazio sofrido, o vazio de não ser sujeito, de não saber quem se é, o vazio de não saber para que serve nosso estar no mundo.